

À flor dos olhos

Por Carolina Arruda

Livremente inspirado em "Os Olhos do Gato" de Alejandro
Jodorowsky e Moebius (Jean Giraud)

Carolina Arruda
carolina-arruda@live.com
48 91779184

CENA 01 - EXT./NOITE - VILAREJO

Em meio a um vilarejo no SERTÃO, vê-se CASA simples, pequena e torta, de madeira velha e podre.

Há apenas mais três casas ao redor - todas feitas de barro. No centro do círculo formado pelas casas, há uma árvore seca, retorcida e alta. Não há vegetação abundante por perto, apenas vegetação rasteira também ressequida. O solo é seco e rachado.

O local parece abandonado há meses. As paredes das casas estão sujas e escurecidas. Nas varandas das construções, há sinais de que o local um dia foi abandonado às pressas: as janelas e portas estão abertas, há um carrinho de construção tombado com uma pequena pilha de tijolos de barro e ainda há roupas nos varais. Há manchas de sangue nas paredes.

Há também bichos mortos no chão: três cachorros e duas vacas. Todos muito magros, em estado de putrefação.

O céu está escuro, com muitas nuvens. A Lua Cheia ilumina o local. Há um trovão, então chove forte.

CENA 02 - INT./NOITE - CASA DO SER

Dentro da casa de madeira, de um único cômodo e sem qualquer fonte de luz que não seja a luz da Lua, em uma cama velha e pequena de ferro dorme uma criatura de silhueta pouco distinguível. A criatura é maior do que a estrutura e está acomodada, encolhida, com visível desconforto. A criatura tem respiração funda e grossa, mas não chega a roncar.

O SER é uma mistura entre humano e fera. Alto, magro, com braços e pernas longas, esquelético, com pelos, folhas mortas e galhos secos crescidos sobre a pele verde escura. Não é possível identificar o sexo.

No lugar dos pés, tem patas de cabra muito compridas. E nas mãos, os dedos, sem carne, são apenas ossos e ligamentos expostos.

No alto da cabeça, há um par de chifres. O rosto é cadavérico e magro. A boca é fina e longilínea. Os dentes são afiados, pontudos e não permitem que a boca se feche por completo. No lugar dos olhos, há dois buracos fundos, cavados, com cicatrizes de queimaduras ao redor.

No chão, há muitos ossos roídos de animais, assim como restos de peles rasgadas e manchas de sangue.

Há um estrondo forte. O barulho acorda o SER, que emite um grunhido de dor.

(CONTINUA)

O SER se senta sobre a cama, respirando ofegante e cansado, com postura corcunda. Seu estômago ronca alto por conta da fome. Com um urgido alto de dor, logo cai no chão, cansado e grunhindo. O SER se enrola em posição fetal com as mãos sobre a barriga, que ronca de fome.

De repente, o barulho constante da porta batendo por conta do vento forte para e o som da chuva torna-se mais alto. O SER, deitado no chão, vira o rosto para cima e ouve com atenção passos dentro da casa e o retorno do barulho da porta se batendo.

MAJUÍ

É hoje.

O SER reconhece a voz e se encolhe, balançando a cabeça negativamente. É MAJUÍ, a única humana que ainda habita o local. MAJUÍ, 22 anos, morena com cabelos cacheados e compridos, pele queimada de sol e olhos claros. Veste um vestido velho e encardido, na altura dos joelhos, de cor azul. MAJUÍ está molhada por conta da chuva e segura em suas mãos um lampião que ilumina fracamente o local.

SER

Vá embora, Majuí.

O SER respira fundo e retoma a fala.

SER

Como ousas se aproximar?

MAJUÍ

Um dia desses uma borboleta entrou pela janela da minha casa. Olhei os vasos de flores, todos vazios. Sabia que ela morreria de fome e a matei antes. Achei que seria bonito salvá-la da própria agonia.

O SER permanece em silêncio.

MAJUÍ

Foi isso o que fez com todos?
Foi?

SER

Tirando os fantasmas, não há nada que possa viver aqui por muito tempo. Nem sonhos, nem moscas. Talvez eu tenha salvado todos mesmo.

MAJUÍ faz uma expressão de reprovação e reprime um soluço de choro.

MAJUÍ

É hoje. Sabes o que te espera,
sabes que é sua única salvação.

SER

Se apenas pudesse te ver mais uma
vez... Minha visão é rala e cada
vez mais turva.

MAJUÍ se vira e deixa a casa.

Então, o SER se levanta, "tateando" o escuro para não
bater contra algo.

Há mais um trovão forte.

O SER se esforça para se manter de pé e sai da casa.

CENA 03 - EXT./NOITE - VILAREJO

Do lado de fora da casa, é possível ver que a árvore ao
centro está caída por conta do relâmpago. Apesar de não
enxergar, o SER caminha pelo local com confiança como se
conhecesse cada pedaço da vila. De repente, o SER tropeça
na árvore caída, ele hesita e ouve a respiração de MAJUÍ.

MAJUÍ está sentada no tronco da árvore.

SER

Se eu apenas pudesse...

MAJUÍ

(interrompendo)

Eu também sofro com a tua
escuridão. Também queria que
pudéssemos ficar juntos.

O SER abaixa a cabeça e respira fundo.

MAJUÍ

O encontro tem que acontecer ao
nascer do sol. O caminho é sempre
em frente.

SER

E assim a maldição se...?

MAJUÍ

É preciso força.

SER

Pois aqui eu me despeço. Vou por
ti. Um dia...ainda estaremos
unidos.

(CONTINUA)

MAJUÍ

Você sabe...é na floresta que o verdadeiro desatino nos deixa...ou se apossa de nós... por favor, não ceda aos seus instintos.

O SER segue a caminhada, enquanto MAJUÍ o assiste deixar o vilarejo.

MAJUÍ

Boa sorte.

CENA 04 - EXT./ MADRUGADA - SERTÃO

O SER caminha pelo SERTÃO por horas, debaixo da chuva forte. A caminhada é longa, em um espaço ermo, vazio e escuro. A pouca vegetação presente é retorcida. O solo é rachado devido à seca de muitos meses. Apesar da fraqueza, ele caminha de forma extremamente rápida.

Ele se aproxima de outro vilarejo abandonado, muito semelhante ao que deixou. São cinco casas em círculo, em torno de um poço d'água. As casas ainda têm as portas e janelas abertas, roupas no varal e manchas de sangue nas paredes. A chuva continua.

O SER se aproxima com receio do vilarejo. Sentado sobre as bordas de cimento do poço d'água há um corvo. Quando avista o pássaro, o SER hesita mais uma vez. O CORVO está de costas para o SER.

CORVO

É hoje.

SER

Aconteceu por aqui também?

CORVO

Em todas as vilas. A fome trouxe a morte a todos.

SER

E aos que não matou...

CORVO

Transformou-lhes na própria morte.

O estômago do SER ronca. Seus ombros estão curvados.

CORVO

Você pode ficar aqui e deixar que os dias lhe corroam as memórias e as agonias. Não há nada de errado.

(CONTINUA)

O SER se senta sobre o poço e admira seu reflexo sob a água.

CORVO
Aqui há alimento.

SER
Lá há ressurreição.

CORVO
Vais sofrer! Tolo! Não vais chegar a tempo.

O SER reúne forças para se levantar, segue e deixa o vilarejo.

Após mais algumas horas de caminhada, o chão começa a ganhar cor e contorno - os pés do SER pisam sobre uma grama rala e seca, que agora está molhada e solo é de barro. As árvores deste trecho do caminho têm folhagem escassa também, porém já esverdeadas. A chuva para.

CENA 05 - EXT./ MADRUGADA - FLORESTA

A caminhada segue, se tornando uma subida íngreme. A mata começa se fechar e se transformar em uma FLORESTA densa. Há sons de morcegos e harpias. Há névoa. O SER se esforça fisicamente para manter o ritmo.

O SER entra na floresta com desconfiança. Sua expressão corporal exprime insegurança e cansaço.

Uma HARPIA sobrevoa o SER. Num rompante a HARPIA mergulha no ar em direção ao SER e o ataca. A HARPIA direciona os ataques ao peito do SER. Por um momento, o SER se entrega e deixa que a ave o ataque.

Quase desmaiando, o SER olha para o chão enquanto é atacado e vê uma orquídea azul escura. O SER recobra a consciência e com as mãos tenta afastar a harpia, enquanto desvia e corre. Os dois lutam um contra o outro. O SER consegue se soltar da HARPIA e neste intervalo arranca um galho de uma árvore. Quando a HARPIA retoma o ataque, o SER a golpeia com o galho e a mata.

A HARPIA cai no chão e solta um último suspiro. O SER se aproxima para examinar o corpo do pássaro e repara que escorre um sangue preto.

O SER decide seguir em frente e deixa o corpo da HARPIA morta para trás.

Conforme a caminhada segue, floresta se mantém contínua transformação e ao passo que a subida se torna mais íngreme, mais formas de vida começam a surgir: há flores, folhas, frutos, pássaros e animais rastejantes - todos escuros.

O céu começa a clarear com a aurora. O SER começa a correr mais rápido.

CENA 06 - EXT./MADRUGADA - TOPO DE MONTANHA

A caminhada chega ao final, encontrando-se com o topo de uma montanha. Do alto é possível ver, abaixo do horizonte, o sertão onde antes vivia o SER.

O local tem fauna e flora ricas: há flores abertas e coloridas por todos os lados, borboletas voando e pequenos insetos rastejando pelo solo verde.

O SER movido a instinto senta-se em direção ao horizonte e dá um suspiro. O céu clareia com o nascer do Sol. As folhas e galhos que crescem sobre a pele do SER recobram a cor verde e voltam à vida.

Ao longe uma ANDORINHA azul-celeste começa a se aproximar até que pousa sobre os ombros do SER.

Há uma pequena trouxa de tecido amarrada ao pé esquerdo da ANDORINHA. A ANDORINHA vai ao chão e a solta, dela retira um par de OLHOS. Pegando-lhes com receio e cuidado por meio dos bicos, o pássaro alça um pequeno voo, retomando novamente a altura do SER e no lugar dos buracos coloca-lhe os olhos.

O SER mexe o pescoço e os ombros, balançando a cabeça.

SER

Esperava por olhos de criança.

ANDORINHA

Deixe o tempo correr.

A ANDORINHA então pousa sobre os ombros do SER e ali permanece.

O SER mantém-se sentado no mesmo lugar.

Os dias passam.

No lugar dos olhos, lhe nascem gérberas brancas.

Há um novo nascer do Sol.

O SER sorri e se vira para a ANDORINHA, ainda nos seus ombros, que encosta a cabeça sobre o pescoço do SER.

FADE OUT

FIM